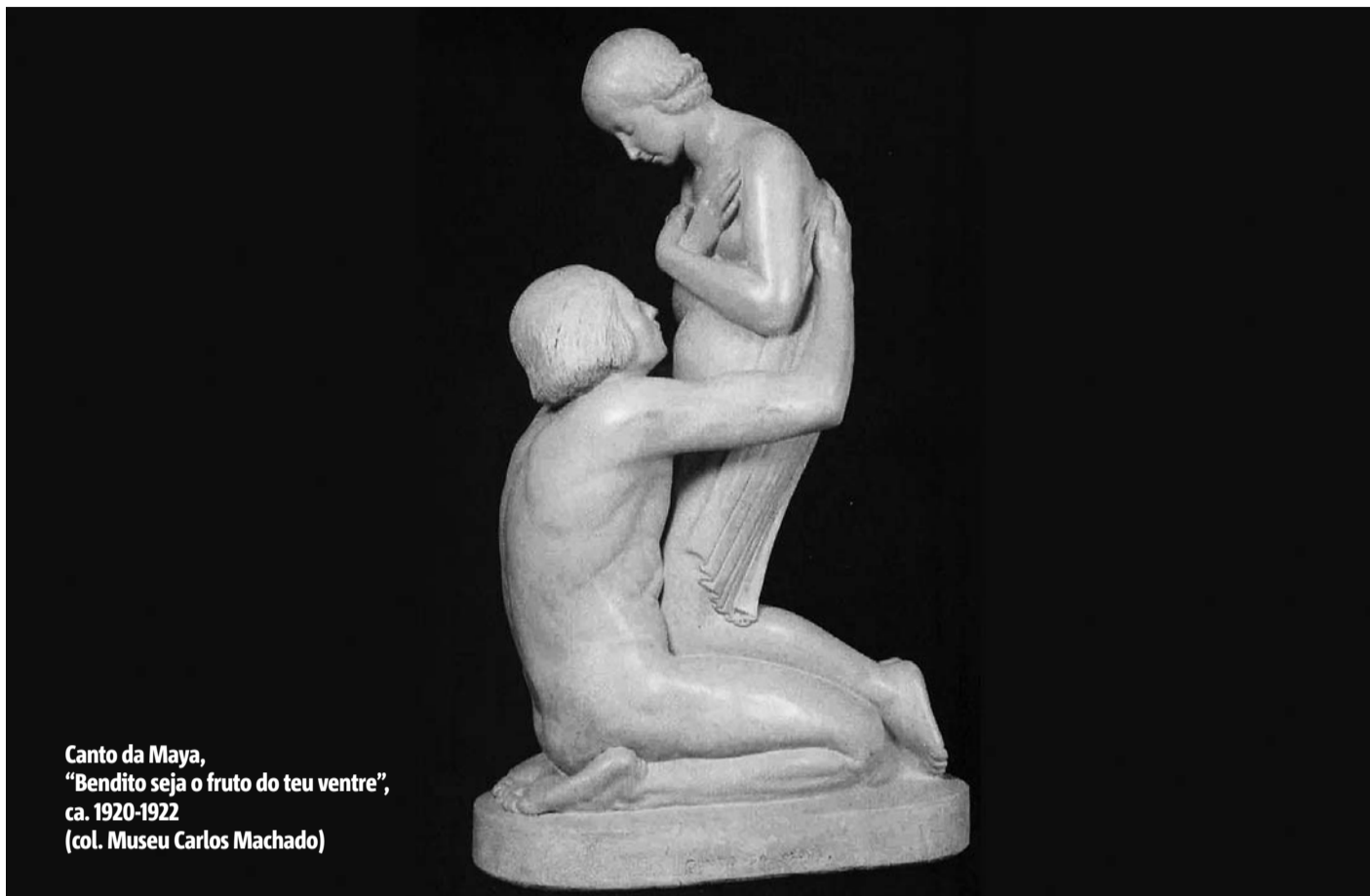


ENTIDADE PROMOTORA: DIREÇÃO REGIONAL DA CULTURA ENTIDADE GESTORA: CRESAÇOR ENTIDADES PARCEIRAS: MUSEU CARLOS MACHADO | INSTITUTO CULTURAL DE PONTA DELGADA  
 CONSELHO EDITORIAL: DRaC – DIRETOR REGIONAL DA CULTURA CONSELHO DE REDAÇÃO: PEDRO PASCOAL (COORDENAÇÃO), DUARTE MELO, CÉLIA PEREIRA, ARTUR MARTINS, FILIPA GRELO


Canto da Maya,  
 “Bendito seja o fruto do teu ventre”,  
 ca. 1920-1922  
 (col. Museu Carlos Machado)

# Canto da Maya, o escultor parisiense das ilhas

Ernesto do Canto Faria e Maia veio ao mundo no dia 15 de Maio de 1890, nascido no seio de uma abastada família micaelense, vindo a falecer a 5 de Abril de 1981, na mesma cidade que o vira nascer, ultrapassados 90 anos de uma vida cosmopolita e intensa, inteiramente votada à criação artística. O seu gosto pelas artes manifestou-se cedo e cedo largou as amarras da sua ilha natal para abraçar um futuro artístico, primeiro em Lisboa onde frequentou a Escola Superior de Belas Artes e depois em Paris, onde se fixou em 1912 para aprofundar os seus estudos artísticos. Foi em Paris que decididamente Canto da Maya - nome artístico com que passaria a assinar as suas obras - moldou a sua personalidade artística, e produziu o melhor da sua obra de juventude. Em Paris recebe lições de A. Mercié e de Bourdelle, deixa-se influenciar pela obra de Rodin e sente-se atraído pelo simbolismo eivado de misticismo de Puvis de Chavannes. Embora não se possa esquecer a breve experiência colhida em Genebra junto do escultor simbolista James Vibert (1872-1942) no ano de 1914, ou a também curta, mas impressionante, colaboração mantida com o escultor espanhol Júlio Antonio Rodríguez Hernández (1889-1919) com quem trabalhou em Madrid no ano de 1916, e de quem se tornaria amigo próximo, Paris representou para Canto da Maya o centro gravitacional da vida artística, social e emocional, que jamais esqueceria.

Resumidamente podem reduzir-se a três aspetos fundamentais que formaram a

matriz estética e ideológica de Canto da Maya durante os anos parisienses: o pensamento simbolista, manifesto na abordagem transcendente que confere aos temas da vida e da morte, do amor, da alegria e da dor; o “empenho primitivista” indexado a uma figuração com raiz no classicismo arcaico, muitas vezes consumada na alegoria; e o uso de uma linguagem plástica marcada pelo gosto decorativo, estilizado e elegante da *Art Déco*, revelado a partir dos anos 20. É neste quadro que assistimos em Canto da Maya a uma indagação plástica que procede ao alisamento das superfícies e dos volumes e ao esquematismo das formas, não apenas como estratégia de modernidade, mas como representação icónica de uma “pregnante ritualização” que demanda o arquétipo perfeito, única no panorama da escultura portuguesa.

Obras como o friso em baixo relevo realizado para o palácio Jácome Correia em 1917, enquanto decorria a sangrenta guerra na Europa, “Pomona” de 1919, “Eva” (1923) e “Adão e Eva” (1929) evidenciam o pendor simbolizante e mitológico das cenas e figuras escolhidas. Outras vezes os temas abordados traduzem, numa correspondência de sinal autobiográfico, as alegrias e as dores da existência elevadas à condição de um transcendente realismo e desenvolvidos segundo uma poética intimista que lhe é muito própria, como acontece com o grupo “Família” (1924), “Alegria de Viver”, o “Beijo” (1934), “Bendito seja o fruto do teu ventre” (em duas versões, uma de 1922 e outra mais tardia), ou o

“Filho Morto” (em diversas versões, da década de 30 e de 1943). No outro extremo, o lado mais decorativo e superficial na obra de Canto da Maya, sem nunca chegar a ser frívolo, manifesta-se em diversas realizações do ciclo parisiense, de que são exemplo “Uma Hora da Manhã” (1923) e “Dança e Música” (1935), entre muitas outras.

Decorrida a 2ª guerra, o ambiente social e artístico da cidade-luz sofre profundas alterações, com as quais o artista açoriano deixaria de sentir empatia. A partir de 1938 Canto da Maya abandona definitivamente Paris, instalando-se em Lisboa para mais tarde regressar a S. Miguel. Acedendo às solicitações da encomenda pública e cumprindo as exigências celebrativas da gesta lusitana, desenrola-se o último capítulo da sua vida artística, marcada pela produção da grande estatutária pública. Nunca, porém, abandonaria os valores intimistas e metafóricos que marcaram a sua poética individual e conferiram à sua obra uma respiração universal, isenta de provincianismos. ♦

ISABEL SOARES DE ALBERGARIA  
 UNIV. DOS AÇORES  
 ialbergaria@uac.pt

PROMOTOR



**Governo dos Açores**

SECRETARIA REGIONAL DA EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E CULTURA  
 Direção Regional da Cultura



## Adão e Eva

A escultura *Adão e Eva* - também conhecida por *Hino do Amor* - da coleção do Museu Carlos Machado, constitui a versão posterior de uma peça concebida em 1929 para uma fonte, presente no Salão de Outono do mesmo ano, em Paris. Essa obra seria objeto de duas réplicas autografadas executadas cerca de 1939, uma comprada pelo Estado português (hoje no Museu Nacional de Arte Contemporânea) e outra oferecida pelo autor ao Museu Carlos Machado. Apresenta-se na forma de uma alegoria sagrada tratada com grande empenho primitivista, cuja eficácia semântica é reforçada pela nudez velada dos corpos, remetendo para o estádio original de inocência, e pela concentração expressiva do gesto ritual da entrega do fruto proibido. ♦



## Monumento a Antero

O monumento a Antero de Quental (1842-1891) existente no jardim homónimo, em Ponta Delgada, foi concebido por Canto da Maya, em 1942, e só parcialmente executado, tendo permanecido inacabado até à sua conclusão em 1995 sob orientação do escultor Soares Branco, a partir dos esboços deixados pelo escultor micaelense. O monumento compõe-se por um busto de Antero elevado sobre um plinto de seção quadrada, enquadrado por um pano de muro curvo onde se inscrevem dois poemas de Antero - *Solemnia Verba* e *Contemplação* - prolongado por dois outros panos de muro horizontais presididos pelos relevos jacentes das figuras alegóricas da *Filosofia* e da *Poesia*, as duas grandes paixões na vida de Antero. ♦